

A HIPERSEXUALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES COM CORPOS NEGROS NO APLICATIVO *GRINDR*¹

Luziário de Sousa da Silva Silva²

Juliana Fernandes Teixeira³

Resumo: O *Grindr* é um aplicativo de relacionamento homoafetivo que possui muitos adeptos no Brasil. Com a proposta de facilitar o encontro entre homens próximos geograficamente, o aplicativo teve forte aceitação pelo público destinado. A proposta deste trabalho é mostrar, por meio de entrevistas com usuários e ex-usuários, quais as características e tipos de perfis que os homens negros precisam ter quando buscam se relacionar amorosa ou sexualmente, especialmente dentro da plataforma. Nesta medida, o trabalho busca aprofundar a discussão sobre os processos de hipersexualização, erotização e destacar quais os estereótipos que recaem sobre os corpos de homens pretos (*gays* e bissexuais), principalmente, nos ambientes de relacionamento virtual. Para alcançar tais propósitos, foram realizadas entrevistas, de modo a permitir o entendimento das vivências e situações racistas que os usuários vivenciaram ao utilizarem a referida rede social.

Palavras-chave: *Grindr*; redes sociais digitais; homens negros; hipersexualização; fetiche.

1. INTRODUÇÃO

Os processos de estereótipos e a sexualização que os corpos negros vivem também se apresentam nos ambientes digitais. Nessa perspectiva, compreendeu-se a necessidade de estudar o comportamento dos usuários do *Grindr* — um aplicativo de relacionamento *gay* e bissexual que surgiu em março de 2009, em Israel, e possui muitos adeptos no Brasil. Com a proposta de facilitar o encontro entre homens próximos geograficamente, o aplicativo teve forte aceitação pelo público destinado. Nele, a forma que os usuários se relacionam, em geral, é com base no erotismo e negociação sexual entre homens.

Diante do contexto de maior imersão nos ambientes virtuais, é notório o processo de hipersexualização dos corpos negros — de homens *gays* e bissexuais — dentro do referido aplicativo de relacionamento. Os estereótipos e fetiches são recorrentes nesse espaço e comprovados por usuários e ex-usuários. O principal objetivo da pesquisa foi conduzir entrevistas com atuais e/ou ex-usuários do *Grindr*, de modo a permitir uma

¹ Trabalho submetido ao GT 2 – Ciberespaço: discursos, narrativas e consumo do II Encontro Virtual da ABCiber, que ocorre nos dias 22 e 23 de junho;

² Autor do artigo. Técnico em Informática pelo Instituto Federal de Ciência e Educação do Maranhão (IFMA/ Codó) e recém-graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (UFPI/Teresina);

³ Orientadora do artigo. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (Salvador/Brasil) e em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior (Corvilhã/Portugal), por meio do regime de tutela entre as duas instituições; e professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

análise exploratória às descrições dos perfis no aplicativo. Dessa forma, como metodologia de análise, foi utilizado o estudo de caso, a partir das reflexões de Yin (2001).

O *Grindr* permite às pessoas que o utilizam formas de comunicações interpessoais cujo foco é, quase que majoritariamente, voltado ao sexo, ao erotismo. E a internet possibilita que os desejos sexuais, antes estigmatizados, sejam vistos de forma mais branda e aceitáveis. É o que salienta Ho (2003, p. 3 apud REIS; COSTA, 2014, p. 7): “a internet promete uma utopia onde os estigmas sexuais e a opressão seriam substituídos por uma cidadania plena em um mundo mais igualitário e livre”.

Na medida em que, neste trabalho, abordamos a questão de como os *gays* e bissexuais negros se apresentam e são vistos no aplicativo *Grindr*, remetemos teoricamente aos conceitos do sociólogo canadense Erving Goffman, que em suas reflexões problematiza e aprofunda a questão das *performances* em diversas áreas, incluindo a Comunicação Social. É verdade que Goffman (2011, 2012) se baseia, em grande medida, em uma Teoria Dramatúrgica, mas o que aqui nos interessa de maneira mais direta é compreender que, nas redes digitais, os indivíduos costumam desempenhar *performances*, enquanto atores sociais que são.

Vale realizar, ainda, a ressalva de que Goffman, em geral, se dedica à compreensão dos encontros presenciais e não virtuais. Porém, é neste aspecto que recorreremos às contribuições de Amaral (2011) e Recuero (2012) à amplitude possível, na contemporaneidade, para as definições do campo da cibercultura e seus fenômenos, no que inserimos as pesquisas científicas, tanto em termos teóricos, quanto metodológicos. Essa relação entre os fenômenos co-presenciais e virtuais, inclusive, tem sido apontada como uma necessidade cada vez mais necessária, sobretudo no contexto dos estudos da Comunicação dos últimos anos. Isso pode, entre outras contribuições, nos respaldar contra as armadilhas fáceis das “inovações do digital”, que, algumas vezes, apenas realizam a *performance* — de outras maneiras — das práticas já vigentes na sociedade antes da internet.

A manutenção desse diálogo com outras disciplinas e tradições de pesquisas é, desse modo, uma estratégia intencional e que permeou todo o desenvolvimento desse artigo, que faz parte de uma pesquisa maior de conclusão de curso na Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí. Conforme já defendia Miranda (2016, p.86-87):

Se partirmos do pressuposto, portanto, de que o conceito de performance social abrange todo o leque de ações de um determinado indivíduo que, ao se deparar em um mesmo ambiente com outros que o observam – envolvendo, pois, um olhar de outros sobre si –, e que, ao mesmo tempo, possa influenciá-los, fica clara a metáfora teatral adotada por Goffman (2009): nós, indivíduos e atores sociais, ao nos encontrarmos com uma plateia que nos observa, em uma dada situação da vida ordinária, exercemos, naquele momento, uma performance social. Ou seja, as situações e contextos cotidianos são cenários nos quais encenamos (ou “performamos”) aquilo que desejamos mostrar – quando nos apresentamos para outrem, em diferentes palcos.

Assim, o trabalho tem por intuito introduzir a discussão sobre os processos de hipersexualização, erotização e os estereótipos que recaem sobre os corpos de homens pretos (*gays* e bissexuais), principalmente, nos ambientes de relacionamento virtual. Para alcançar tais propósitos, foram realizadas entrevistas com atuais e/ou ex-usuários do aplicativo *Grindr*, de modo a permitir o entendimento das vivências e situações racistas que vivenciaram ao utilizarem a referida rede social. Portanto, nas próximas páginas deste artigo será realizada uma análise e apresentação dos resultados das entrevistas realizadas com homens negros que já sofreram (e sofrem) e preterimento de seus corpos.

2. A HIPERSEXUALIZAÇÃO DO HOMEM NEGRO NA SOCIEDADE

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nossa sociedade é composta por 54,9% de pessoas negras;⁴ mas, contraditoriamente, constituir essa maioria significa fazer parte de uma minoria que ainda luta por seus direitos e resiste aos ferrenhos sistemas de opressões. Além de marginalizados, a imagem atribuída aos negros sempre foi a de possuírem um grande porte físico, virilidade exacerbada e extremo apetite sexual durante as relações sexuais. No mundo LGBTQI+, mesmo com os preconceitos que essa comunidade sofre por fugir da norma heteronormativa, os negros precisam enfrentar ainda opressões por serem negros e, em alguns casos, por serem afeminados.

Para melhor delimitarmos teoricamente essas questões, partimos do conceito de estereótipo, que se trata de uma ideia supergeneralizada, não podendo ser verdadeira para todos os membros de um grupo (GAHAGAN, 1980 apud LIMA, 1997). Em outras palavras, podemos compreender como ideias que tentam padronizar determinadas ações e

⁴ Dados disponíveis em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-dados-que-mostram-a-desigualdade-entre-brancos-e-negros-no-brasil/>

comportamentos como comuns e obrigatórios às pessoas de determinados grupos. Segundo a professora Daniela Diana no texto online “Estereótipo” (2018), trata-se de uma ideia ou modelo de imagem atribuída às pessoas ou grupos sociais, muitas vezes de maneira preconceituosa e sem fundamentação teórica.

A reflexão sobre a hipersexualização de corpos *gays* negros se articula como uma ferramenta imprescindível para combater os estereótipos e estigmas que recaem sobre a população negra. É necessário pontuar que a sociedade atrela ao homem negro a ideia de virilidade e masculinidade exacerbadas. A partir dos estereótipos construídos sobre os homens negros, espera-se que os mesmos desempenhem determinadas funções ligadas ao serviço braçal e apresentem características sexuais que difiram das dos homens brancos, como a brutalidade na hora do sexo e a não saciedade. Segundo Fanon (apud JÚNIOR 2015, p.4), “(...) a imagem do negro nas sociedades colonizadas estava associada à selvageria, ao reino animal, da fortaleza e da sexualidade exacerbada, enfim, ao plano biológico”.

Com esses conceitos à disposição, entendemos que os estereótipos, o racismo e discriminações ainda sondam nossa sociedade e dificultam o relacionamento das pessoas negras, que vivem com seus corpos atravessados por expectativas — sobretudo, no que diz respeito à sua atuação na hora do sexo — e construções que não contemplam as particularidades de cada um desses indivíduos. Esses estereótipos em relação aos negros, especialmente aos *gays* e bissexuais, são perpetuados no aplicativo *Grindr*, onde se busca que os mesmos tenham determinadas características, como possuir o pênis avantajado e serem ativos na hora do sexo.

Falar sobre a população negra e a hipersexualização que sofrem é pontuar a pouca representatividade que têm na sociedade. Além do recorte racial, ao se fazer um recorte de orientação sexual, os *gays* e bissexuais negros são duplamente excluídos. Luciene Reis, co-fundadora do Instituto Mídia e Etnia (2015, p. 6) explica melhor a relação entre sociedade e racismo. “Numa sociedade marcadamente racista e que se vê como uma democracia racial, um sujeito inimaginável pelo consumo é reiteradamente excluído por meio de sua cor e traços”.

Ao olhar para a comunidade LGBTQI+ percebe-se que a mesma tem a expectativa de que os negros possuam determinadas características que correspondam ao que foi construído socialmente. *Gays* negros afeminados, por exemplo, sofrem opressão quando

não se comportam de acordo com o esperado. Antônio Júnior, no seu artigo sobre hipersexualização e segregação do homoafetivo negro, diz que:

Ao universo *gay* se estende o fetichismo em relação aos homens pretos. É neste sentido que nos aproximamos do cerne da discussão, que está no centro o homem negro homoafetivo fora dos padrões de beleza vigentes e que, além disso, possui traços de feminilidade. (JÚNIOR, 2015, p. 10)

No universo LGBTQI+ espera-se, inclusive, que os negros assumam papéis de dominadores e quase nunca de passividade, uma vez que se atrela à imagem deles a ideia de virilidade. Nesse sentido, as formas que as relações sexuais devem acontecer são afetadas, já que tendem a limitar as possíveis experiências sexuais destes indivíduos.

3. O QUE É O APLICATIVO DE RELACIONAMENTO *GRINDR*?

O *Grindr* é um aplicativo que utiliza a geolocalização e surgiu em março de 2009, em Israel, tendo sido criado por Joel Simkhai. Mesmo sendo estrangeiro, é um aplicativo que ganhou muitos adeptos e se tornou famoso no Brasil. Ressalta-se que foi um dos primeiros aplicativos que de fato conseguiu conquistar espaço e ser usado pelos homossexuais e bissexuais. Inicialmente, os celulares *iPhone* eram os únicos compatíveis com o aplicativo, uma vez que eram os que possuíam tecnologia GPS. Atualmente, ele funciona nos *smartphones* com os seguintes sistemas operacionais: *iOS (Apple)*, *Android (Google)* ou *Blackberry*.

A ideia principal do aplicativo é conectar homens que estão interessados em sexo ou amizade. A partir do uso da rede sem fio e do GPS, ele guarda informações digitais, como dados e localização, para emitir a outros indivíduos que também usam o aplicativo. Reis e Costa, no artigo *O Grindr: eros em fluxo nos espaços híbridos* (2014), explicam sobre o surgimento do aplicativo:

O *Grindr* surge a partir da ubiquidade das novas tecnologias de comunicação; com tecnologias móveis e portáteis conectadas à rede, e os indivíduos sempre *online*, espaços virtual e físico se mesclam, originando os espaços híbridos, que fizeram ruir a noção de um ciberespaço separado do mundo ‘real’” (REIS; COSTA, 2014, p. 1).

Adentrando mais propriamente às funcionalidades do *Grindr*, é necessário destacar que o aplicativo dispõe de duas versões: uma gratuita e outra paga, que é o *Grindr Xtra*. Na

versão gratuita, os usuários, ao criarem uma conta no aplicativo, com o *Facebook* ou *e-mail*, têm acesso a 100 perfis. Os usuários mais próximos surgem na interface. Já na versão *Xtra*, é possível ter acesso a 300 perfis e, além disso, os usuários não são bombardeados por publicidades.

Ao criar um perfil, o usuário pode escolher adicionar foto ou não; decidir que nome será exibido aos demais frequentadores do aplicativo e pode escrever qualidades ou desejos que julga relevantes para conseguir conversar com outros homens. Informações como idade, altura, peso, etnia, porte físico, posição sexual (ativo ou passivo, por exemplo), tribes (que é um estilo que o usuário se identifica. Por exemplo, nerd, barbie, discreto, elegante e etc,) ou relacionamento atual, são dados que decide ou não fornecer.

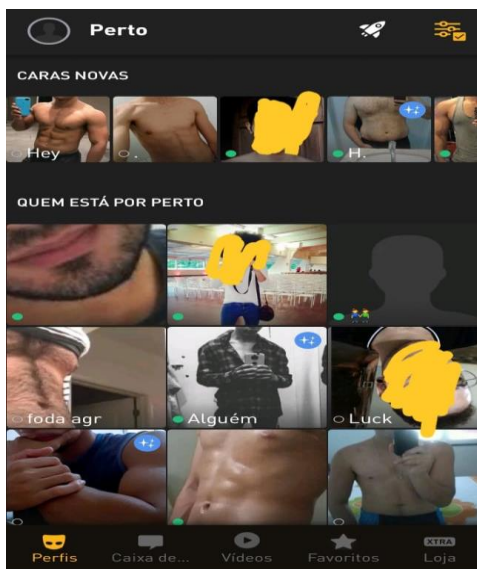
Além destas informações, o usuário tem a possibilidade de dizer o que busca no aplicativo, com que gênero se identifica, os pronomes que prefere ser tratado e, também, informar seu *status* de HIV e quando fez o último teste. Se quiser, pode vincular suas demais redes sociais, como *Instagram* e *Twitter*, ao *Grindr*. Esses são dados que o usuário pode decidir se devem aparecer ou não para quem visita seu perfil.



Foto 1. Informações e dados dos usuários

O usuário, na versão gratuita, tem a acesso a três tipos de filtros (idade, tribes e em busca de...). Na versão paga, há os filtros avançados, que permitem peneirar ainda mais e encontrar o homem que mais atrai. Quando o usuário se interessa muito por algum perfil, além da mensagem direta, há possibilidade de mandar *taps* (que são curtidas).

Na interface do aplicativo aparece um mosaico com os usuários mais geograficamente próximos. Na primeira fileira horizontal do mosaico estão os mais novos usuários, que são identificados por uma pequena bola azul no canto superior direito. Na parte inferior da tela se tem acesso à “caixa de entrada”, aos “vídeos”, aos “favoritos” e à “loja”.



C  [Baixe o app](#)
Foto 2. Interface do aplicativo Grindr

Os interessados em vincular anúncios fazem isso pelo aplicativo *Grindr Ad Kit*. Os anúncios duram um mês e, além de aparecerem na interface principal, podem ser enviados por *direct mensags* (onde o usuário precisa tocar à tela para sair do anúncio) ou *short mensags*.

4. NEGROS AFEMINADOS E AS RELAÇÕES NO APLICATIVO GRINDR

Explicado o que é o aplicativo e como o mesmo se apresenta visualmente, partimos para outro aspecto intrinsecamente conectado ao tema: como os homens afeminados são vistos dentro da aplicação. Assim, seguindo esta linha reflexiva, pontua-se que a construção das relações sociais amorosas é oriunda de entendimentos e concepções baseadas nas relações binárias. Imersos nessas compreensões, quando pessoas fogem da “norma padrão” estabelecida como a “ideal” acabam por submeter-se a constantes processos de subjugação e preconceitos. Quando um indivíduo faz parte da comunidade LGBTQI+, passa a ser alvo de agressões verbais, psicológicas e físicas.

Importante ressaltar que a construção e manutenção dos estereótipos de gênero e, especialmente, de raça — e nesse quesito, por conta da pesquisa, aos que estão diretamente ligados aos homens negros — também influenciam nas discriminações que sofrem nos mais diversos espaços. No ambiente do *Grindr*, a exemplo, os mesmos precisam enfrentar muitas barreiras quando decidem explorar as potencialidades do aplicativo, em busca da compreensão dos próprios desejos e formas de amar.

No aplicativo, os homens *gays* e bissexuais têm seus corpos objetificados constantemente, com expectativas direcionadas a si voltadas à ideia de serem viris, fortes e extremamente masculinizados. Em outras palavras, o corpo do negro — de modo geral — é visto totalmente sexualizado, desprovido de outras características e “servindo” para saciar, grande parte das vezes, as necessidades do branco, que alimenta o mito da virilidade sexual negra. Oswaldo Pinho (2004) melhor explica essa observação no texto “Qual a identidade do homem negro?”:

Ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante. Assim, o corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexual. Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco (PINHO, 2004, p.67).

Portanto, se faz fundamental endossar que o ambiente digital tende a facilitar a reprodução de estereótipos e reforça diversos estigmas construídos em relação à população negra. O mito do desejo insaciável por sexo do homem negro e a *performance* da atividade (durante o ato sexual entre homens) são exemplos comuns e frequentes do racismo e hipersexualização durante o bate-papo que acontece dentro do aplicativo.

Nessa linha de pensamento, e de acordo com os relatos de usuários obtidos ao longo dos últimos três anos, ser *gay*, bissexual, negro e afeminado gera problemas dentro do aplicativo. Assim, por conta da construção imagética de que todo homem preto precisa ser viril, quando outros homens (brancos, na maioria das vezes) iniciam conversas com *gays* e bissexuais negros e estes apresentam a *performance* da “feminilidade”, há entaves e recusa para manter a continuidade do bate-papo.

Como reflexo dessa expectativa posta sobre os corpos pretos dentro aplicativo, muitas vezes estes indivíduos tentam se encaixar dentro desses espaços, assumindo uma personalidade não completamente verdadeira, se submetendo a encontros casuais apenas para se sentir “desejado” e, dessa forma, caminham em direção a um processo longo de distanciamento de si e negação da completude dos seus desejos e formas de demonstrar afetos. É uma busca por se apresentar dentro daquilo que a sociedade espera, mas que não condiz exatamente com quem são.

Outro ponto que merece atenção é o tratamento que os bissexuais recebem dentro da comunidade LGBTQI+ e no referido aplicativo. Muitas vezes, a sigla “B” é esquecida dentro da comunidade, fazendo com que esses indivíduos vivenciem um processo de apagamento de suas identidades quando decidem se relacionar com pessoas. Dentro do *Grindr*, a situação não é diferente, já que ser bissexual e afeminado traz alguns problemas e, entre eles, se destaca a invisibilidade e o questionamento da atração que sente por meninas.

Com essas reflexões empreendidas, no tópico seguinte partimos para a análise das entrevistas realizadas com quatro homens negros (dois *gays* e dois bissexuais) que serviram como base para a construção do Trabalho Final de Conclusão de Curso (um livro-reportagem), bem como para este artigo proposto.

5. HIPERSEXUALIZAÇÃO E FETICHE: AS RELAÇÕES COM OS CORPOS NEGROS NO GRINDR

Para a condução da presente pesquisa, como já mencionado, além da revisão bibliográfica foram realizadas entrevistas, via *google meet*, entre os meses de fevereiro e abril de 2021 com homens negros (*gays* e bissexuais) que utilizam/utilizaram o aplicativo de relacionamento *Grindr*. Como resultados, é possível destacar depoimentos que respondem às duas perguntas que são base para essa pesquisa: “como” e “por que” a hipersexualização dos homens negros acontece dentro do *Grindr*. Yin confirma isso em seu livro ao dizer que:

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam as questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (YIN, 2001, p. 19).

Nesse sentido, para tal proposta aqui pretendida com a pesquisa, aplica-se a técnica do estudo de caso, que se mostra válida porque “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 32).

Entre os entrevistados, foi unânime a constatação de que há o processo de recusa do corpo negro — materializado por frases racistas como “não curto escuros” — e, em medida parecida, existe a hipersexualização e fetiche sobre o corpo desse indivíduo preto. Vale destacar que embora sejam comuns práticas racistas nas descrições dos perfis dos usuários do *Grindr* — que são mais recorrentes em perfis de homens que estão dentro da “norma *gay*” (branco, magro, malhado e masculinizado) — as hipersexualizações são mais frequentes durante o bate-papo. Esperar certas características e atributos é algo muito corriqueiro.

Ser visto com traços e comportamentos femininos, a partir da construção do que é se comportar como negro na sociedade carregada de estereótipos, gera estranheza e opressão aos *gays* e bissexuais negros afeminados. Nesse cenário racista, potencializado pelas redes sociais, o homem negro *gay* e bissexual que tem comportamentos afeminados é oprimido e renegado por causa da virilidade tóxica que se atribui a ele (e que não possui). Para melhor entender:

Esse masculinismo negro é tóxico, tanto para homens negros heterossexuais quanto para as mulheres negras e LGBTs negros que, não bastasse sofrer as limitações e violências produzidas no seio da sociedade supracista branca em que vivemos, sofrem também por parte de algumas pessoas do seu próprio povo com quem partilham opressões de raça, mas com quem não é possível contar e/ou confiar plenamente, porque a diferença de gênero e de orientação sexual faz com que o homem negro hétero, às vezes, se sinta numa posição superior em relação à mulher e aos LGBTs [...] (VEIGA, 2018, p. 81 apud SANTOS, 2018, p. 13).

Isso, necessariamente, é reflexo do tipo de organização social machista, racista e homofóbica em que vivemos. As frases racistas e conversas com esse mesmo teor são frequentes. N.B, professor de dança e um dos entrevistados, compartilha que:

Quando você se mostra (no *Grindr*), veem que é uma pessoa preta, quando não é o padrão que procuram, há essa repressão. Começamos a perceber que esse aplicativo é um refúgio tóxico, onde as pessoas que desejam algo estão lá para obter e muitas vezes saem machucadas. Principalmente, pessoas pretas e de outros gêneros. Percebia muito que durante a comunicação sempre tinha essa procura: ‘você é ativo?’, ‘tem quantos centímetros?’, ‘ah, não, você deve ter pau pequeno’ e bloqueava. (N.B, 2021, *google meet*).

As compreensões de N.B também trazem outro elemento intrinsecamente relacionado às expectativas que recaem sobre os negros. Ele rebate o acolhimento que os corpos negros têm, mas que são pautados em estereótipos. O usuário do aplicativo vai além, ressaltando que passou a perceber a dualidade que existe no *Grindr*: o desejo versus a repulsa. Este desejo, por sua vez, desde que o indivíduo preto cumprisse alguns “requisitos” tidos como aceitáveis.

Tempos atrás, eu era bem mais padrão: já tinha essa barba, mas não tinha cabelo grande. Por isso, às vezes me encaixava. Tinha essa recepção “boa”, mas que, na verdade, eu tinha um certo nojo. Em dado momento, pessoas que conversam com você: te repudiam, ignoram, maltratam e bloqueiam. E, em outro momento, elas te fetichizam. Saí com pessoas que aproveitaram o momento, tiveram o que queriam, mas escondiam isso de todas as pessoas, não só pela homossexualidade não assumida, mas também por estar se relacionando com uma pessoa preta, afeminada. É uma pessoa que tem o desejo nesse corpo, que nutre e alimenta esse desejo, mas que se inibe também. Isso é doentio. (N.B, 2021, *google meet*).

Os elementos que comprovam a hipersexualização dos negros também são reforçados de acordo com o trecho da fala de outro entrevistado: o G.F, que é jornalista e pesquisador. Segundo ele, o bate-papo sempre começa pelo recorte da erotização, reforçando a construção infundada de uma pessoa negra pautada no aspecto sexual animalesco.

A pessoa já chega e fala ‘estou ansioso para o que a gente vai fazer’, ‘adoro um moreno como você’. Essa é uma forma de suavizar que você não é tão preto assim, porém têm a expectativa de por ter a pele escura represente *bem* a raça. Se você não é um negro dotado, então não querem falar com você. (G.F, 2021, *google meet*).

Categoricamente, G.F observa que todo esse processo que os corpos pretos são submetidos diz respeito a uma violência, já que são pessoas consideradas como objetos

sexuais, sobretudo, da branquitude. Nas palavras do próprio entrevistado, que discorre sobre seus entendimentos a respeito do tema, ele completa que:

A hipersexualização é um tipo de situação que é recorrente porque como a gente vem de uma sociedade muito racista e, sobretudo, nessa parte de erotização e hipersexualização do corpo negro. Como é um aplicativo que tem a fama de pegação (as pessoas entram e veem se tem alguém na vibe delas de transar), sempre existe esse estereótipo de “todo negro é pauzudo”. (G.F, 2021, *google meet*).

Aceitar o próprio corpo, numa sociedade que impõe um padrão de beleza baseado nos modelos eurocêntricos, é uma tarefa árdua, que exige muito esforço. Para os negros, esse trabalho é redobrado e bem mais desgastante, já que os estereótipos estão presentes desde muito cedo. Veiga (2018 apud SANTOS, 2018), melhor explica essa relação do negro com seu corpo:

Desde muito cedo as bixas pretas precisam enfrentar o próprio corpo e o próprio desejo como inimigo em potencial porque podem vir a deixá-las ainda mais desamparadas, como se viver num país onde a cada 20 minutos se mata um jovem negro não fosse terrível o suficiente. Soma-se a isso o fato de o Brasil ser um dos países que mais matam LGBTs no mundo. A cada 28 horas uma pessoa LGBT é assassinada no país. Esses dados, ao se cruzarem sobre o corpo da bixa preta, fazem dela um alvo permanente da violência do racismo e da homofobia. (VEIGA, 2018, p. 82).

Essa constante cobrança para *performances* dos negros — bastante estereotipadas — leva a um aspecto que merece muito atenção: a baixa autoestima. Homens pretos, quando submetidos a ondas potentes de expectativas, acabam se privando dos próprios desejos na tentativa de satisfazer aquilo que se espera. É um verdadeiro processo de busca de encaixe, mas regado à neutralização da própria essência. Quem confirma isso é o nosso outro entrevistado, L.A, jornalista e bissexual. Por ter o pênis avantajado, sempre teve que lidar com a erotização e sexualização do seu corpo dentro do *Grindr*, o que provoca sequelas até os dias atuais.

Primeiro tinha a barreira do preconceito e, quando não, tinha a segunda coisa: a objetificação. Tinha muito problema com meu corpo e a maioria só saía comigo por causa do tamanho do meu pênis, como se eu fosse uma máquina de sexo, como se no meu corpo tivesse só pau. A maioria dos que fazem isso são homens brancos. Eu achava errado ter pau grande, porque as pessoas queriam sair comigo para transar e eu queria sair, conversar e beijar. Isso (hipersexualização) afeta principalmente a autoestima. Forçar ser uma pessoa que não sou me deixou angustiado por muito tempo a ponto de não querer sair de casa, conhecer novas pessoas, conversar com ninguém. (L.A, 2021, *google meet*).

Durante sua narrativa, relembra de uma (das muitas) experiência desgastante que vivenciou com um homem do *Grindr*. Após a conversa preliminar (curte o quê, onde está, podemos nos encontrar?), ele comenta que combinou de ver a tal pessoa no estacionamento da universidade (quando ainda era estudante”):

Eu entrei (no carro), pensei que a gente ia conversar, mas aí ele ficou muito diferente na hora do papo. Ele tava muito calado. Primeiro, bate aquela curiosidade em relação ao tamanho (do pênis). Peguei e mostrei para ele dentro do carro. Aí ele disse legal. E depois: “não, rapaz, deixa pra gente marcar outro dia porque hoje não dá certo”. Aí eu saí (do carro) e voltei para o aplicativo. Um tempo depois, tinha no chat “macaco, idiota, feio. Se tu fizesse academia até que rolava, deixa pra outro dia”. Aí ele foi e bloqueou meu perfil e não apareceu mais. Mas isso foi a das mais leves (experiências). (L.A, 2021, *google meet*).

Nessa medida, é possível, diante dos relatos obtidos por meio de entrevistas, entender como a hipersexualização do *gay* e bissexual negro acontece. São frases que, de modo geral, remetem à ideia de possuírem falo avantajado e de serem fetichizados com uma virilidade bruta, onde se espera que sejam extremamente masculinizados. Assim, o *Grindr*, segundo o quarto entrevistado — A.L (estudante de arquitetura e bissexual) —, também funciona como um espaço que permite aos homens se sentirem à vontade para explorar o sexo, porém ele identifica as problemáticas presentes.

Acho que nós, homens que fazemos sexo com outros homens, a gente tem isso negado, de certa forma, a maior parte da nossa vida — e de repente quando você se vê, está naquele espaço, e tem outros homens desejando a mesma coisa que você é uma experiência muito louca. A dinâmica é muita rasa, simples. Uma noção de transei e vou embora. O sexo deixa de ser o que deveria ser para se tornar uma coisa quase mecânica e de fetiche, sabe? Dentro daquele aplicativo as pessoas só marcam, vão, gozam e somem. (A.L, 2021, *google meet*).

A.L também pondera que a sociedade não consegue digerir a existência de pessoas bissexuais porque se tem enraizada a ideia da relação binária. Ele também confessa que viveu a maior parte da adolescência se sentindo excluído e, dentro do aplicativo, teve a falsa sensação de estar sendo desejado. Reflexo dessa ideia é que, muitas vezes, se submeteu à realização de fantasias dos seus parceiros para continuar se sentindo aceito.

Imagina só você crescendo nunca ter ouvido um elogio diretamente a você e, de repente, chega em um espaço em que você é quase ovacionado por certas coisas. Eu lembro muito que falavam sobre três coisas: minha pele, sobre eu ser magro e a coisinha que está entre minhas pernas. Falavam que eu era muito legal, mas eu tinha consciência que tinha fetiche ali, já tinha noção dessas coisas, então eu me protegia de certa forma. Tinha alguns espaços que eu estava ali para “performar” um fetiche. E, às vezes, eu fazia isso. Me conformava. É desconfortável, porque traz aspectos desse homem negro (desejável) que eu não sou. Não sou magro, não sou forte. Sou eu. É preciso mostrar que a branquitude gay pode “performar” várias coisas: ser um cara grande, gordo, afeminado e etc. A negritude não tem que se limitar a um estereótipo, sabe? (A.L, 2021, *google meet*).

Torna-se evidente, portanto, sobretudo a partir das entrevistas empreendidas pela presente pesquisa, que o homem negro *gay* e bissexual é estigmatizado e sofre hipersexualização dentro do *Grindr*. Dessa forma, precisam enfrentar barreiras para conseguir entrar e/ou manter um relacionamento, inclusive em contextos digitais, que, inicialmente, prometiam uma menor desigualdade nesse sentido.

6. CONSIDERAÇÕES

O estímulo de iniciar o trabalho se deu a partir de experiências pessoais do autor (de fetiche e hipersexualização do seu corpo) vividas dentro do aplicativo em 2018 e, também, ao entrar em contato com relatos de pessoas próximas que passaram por situações semelhantes: preterimento de seus corpos enquanto indivíduos pretos. Dito isso, imergir na pesquisa sobre como os homens negros (*gays* e bissexuais) vivenciam o processo de hipersexualização de seus corpos, dentro do aplicativo de relacionamento *Grindr*, permite abrir espaço para a discussão de outras questões discriminatórias que são muito comuns no ambiente que essas interações acontecem.

É evidente que, por mais que as pessoas LGBTQI+ sofram diariamente por conta de uma sociedade machista, racista e que prega a heterossexualidade como “ideal”, os negros são subjugados dentro desse sistema. O recorte racial, de classe e orientação sexual, a partir da pesquisa, deixa nítido como as relações (sexuais ou não) dentro da comunidade LGBTQI+ e, sobretudo no ambiente digital, podem ser tóxicas para os indivíduos pretos.

O processo de hipersexualização, os estereótipos, fetiches e o racismo são algumas das problemáticas recorrentes que foram apontadas pelas quatro pessoas entrevistadas. Nesse sentido, manter o olhar atento a essas problemáticas é necessário e permite auxiliar que os indivíduos, em especial os brancos, percebam seu lugar de privilégios no sistema hierárquico em que vivemos e, assim, usem suas posições para ajudar que os estereótipos que permeiam o universo negro sejam deixados de lado.

Com isso dito, reforça-se que a proposta foi explicitar como a hipersexualização do homem negro ocorre — por meio de frases que remetem à virilidade e ao pênis avantajado, por exemplo — e mostrar que essas atitudes fazem parte de um sistema racista e muito problemático — que desde cedo impõe as ações que as pessoas negras devem ter, coibindo, diretamente, a possibilidade de preservarem suas particularidades. Ou, pelo menos, de serem vistas e tratadas como indivíduos particulares, com suas características, habilidades, desejos e necessidades.

As entrevistas reforçam que o machismo e a busca por uma estética aceitável (que não foram observáveis centrais da análise), são problemáticas bastante recorrentes, aliados ao racismo que existe dentro da comunidade LGBTQI+. Esses fenômenos sociais envolvem todo um sistema patriarcal, eurocêntrico e racista que ainda está nas entranhas da nossa sociedade, mesmo com os avanços dos movimentos sociais. Fazer esta análise dos negros

no *Grindr* é estar consciente dessas questões e usá-las durante todo o processo de construção do artigo.

Por esta perspectiva, a presente pesquisa preocupa-se em abrir espaço para que novos trabalhos surjam a partir deste, ampliando a discussão sobre a temática. Aqui, a ideia foi explicitar como estas generalizações ocorrem e mostrar que a construção do homem preto exotismo e a exigência de uma *performance* selvagem na hora do sexo, por exemplo, contribui para um desgastante processo de baixa autoestima do indivíduo negro. Por fim, buscou-se mostrar que o homem negro é diverso, plural e pode amar de todas as formas.

7. REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. Redes sociais, linguagem e disputas simbólicas. Revista ComCiência. No.131. Campinas: 2011. Disponível em: encurtador.com.br/nAJ59. Acesso em 30 de maio de 2019.

DIANA, Lima. Estereótipo. 12 dez.2018. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/estereotipo/>>. Acesso em 30 de maio de 2019.

GOFFMAN, Erving. Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. Ritual de Interação. Ensaio sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

JÚNIOR, Antônio. Hipersexualização e segregação social do homoafetivo negro: uma análise crítica em torno da intersecção entre homofobia e racismo. 2015. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=hipersexualiza%C3%A3o+e+segrega%C3%A7%C3%A3o> / Acesso em 29 de maio de 2019.

LIMA, Maria Manuel. Considerações em torno do conceito de estereótipo. Revista da Universidade de Aveiro: 1997, nº14.

MIRANDA, Thaís. Quando o palco encena e dirige a cena: pornografias digitais (talvez) amadoras e performances sociais. Tese (Doutorado) em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Orient.: José Carlos Santos Ribeiro. Salvador, 2016.

PINHO, Oswaldo. Qual a identidade do homem negro?. Disponível em: Acesso em: https://www.academia.edu/1420907/Qual%C%A9_a_identidade_do_homem_negro /Acesso: em 29 de mai de 2019.

RECUERO, Raquel. A conversação em Rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

REIS, Breno; COSTA, Rafael. Grindr: eros em fluxo nos espaços híbridos. Disponível em: <https://docplayer.com.br/116971283-O-grindr-eros-em-fluxo-nos-espacos-hibridos-1-breno-almeida-brito-reis-2-rafael-rodrigues-da-costa-3-universidade-federal-do-ceara-fortaleza-ce.html> /Acesso em: 31 de mai de 2019.

SANTOS, Eduardo Adriano. Relatório final do livro reportagem: Cadê a preta no arco-íris? Racismo e machismo por trás da solidão das POCs. Relatório final: UFPI, 2018.

YIN, Robert K. Estudo de caso: Planejamento e Métodos. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.